

# ESCOLHA OU DESTINO? A INFLUÊNCIA INTERGERACIONAL NA VIDA DE JOVENS EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO

Rosa Maria da Exaltação Coutrim<sup>1</sup>

Maria Amália de Almeida Cunha<sup>2</sup>

## Introdução<sup>3</sup>

Ao se refletir sobre os jovens e as juventudes na sociedade contemporânea é fundamental se pensar sobre o processo de socialização no qual estes estão inseridos. A influência da família, dos amigos, professores, namorados(as) e demais personagens que fazem parte do cotidiano desses sujeitos é fundamental no processo de escolhas no qual os mesmos se inserem. Assim, falar de juventude implica considerar as “múltiplas” socializações e deixar um pouco de lado a concepção unívoca que confere às instituições modernas a competência de formar as novas gerações, e nos impõe a necessidade de refletir sobre o universo no qual se movimenta uma geração, atentando para os domínios sociais que vão muito além da família, da escola, da igreja e da mídia.

Em uma fase da vida na qual as escolhas perdem o sentido do tempo alargado e o futuro é o agora, o jovem concluinte do Ensino Médio se encontra em um turbilhão de informações, pressões, descobertas e frustrações, e é justamente nesse contexto que ele é levado a fazer sua escolha profissional. Nessa rede relacional, é grande o peso do grupo geracional composto por amigos e namorados(as) (virtuais ou não), companheiros de colégio e mais uma gama de primos e conhecidos que se movimentam pelo universo juvenil, vivenciando as mesmas experiências, falando a “mesma língua” e definindo gostos. Também atuam nesse espaço e tempo as instituições formadoras, como a família e a escola. Tais instituições são representadas por outros grupos geracionais que trazem a experiência, a preocupação com o presente e o futuro, o modelo de bom comportamento a ser seguido, a formação acadêmica e, principalmente, a expectativa de uma boa escolha profissional que possibilite ganhos e estabilidade no futuro.

---

<sup>1</sup> Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto. Contato: rosacoutrim@ichs.ufop.br

<sup>2</sup> Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: amalia.fae@gmail.com

<sup>3</sup> Este artigo é uma versão ligeiramente modificada do trabalho *Relações familiares e múltiplas socializações: Influências de pais, avós nas escolhas dos jovens*, apresentado no XV Congresso Brasileiro de Sociologia realizado de 26 a 29 de julho de 2011 em Curitiba.

Reconhecendo que a formação do jovem se dá em meio a essa complexa rede de relacionamentos e conhecimentos na qual transitam diferentes gerações, propôs-se uma pesquisa sobre o contexto e os agentes que atuam nas escolhas profissionais desses jovens. Os dados trazidos aqui refletem as primeiras análises de um material que ainda será melhor explorado em trabalhos posteriores. Dessa forma, o objetivo deste artigo é analisar as escolhas profissionais de jovens concluintes do Ensino Médio levando-se em conta duas medidas que certamente influenciam o processo de escolha: o peso das transmissões através das gerações (pais, avós) na tomada de decisão, bem como o papel da escola como um fator preditivo importante na formulação de projetos e aspirações relacionados ao futuro profissional do jovem. Para tanto, a pesquisa tomou como campo empírico estudantes do Ensino Médio de escolas públicas com alto e baixo desempenho nas avaliações externas estaduais da capital e do interior do Estado de Minas Gerais e suas famílias. A escolha de jovens morando na capital e no interior derivou da necessidade de investigação de costumes, tradições, atratividade de emprego e estratégias geográficas entre a escola e o emprego como fatores importantes no processo de escolha profissional dos jovens, podendo evidenciar um peso diferenciado das transmissões entre gerações, bem como o papel da escola na tomada de decisão.

### **A construção da pesquisa**

O processo de construção de uma pesquisa se dá em meio a uma série de fatores que influenciam as “escolhas” dos pesquisadores a partir da abordagem teórico-metodológica selecionada. Como metodologia de análise dos resultados obtidos, optou-se por combinar a abordagem quali-quantitativa. As informações de natureza qualitativa foram obtidas através de entrevistas com diretores, coordenadores pedagógicos, professores, e as famílias dos alunos selecionados (mães, avós e pais). Com o objetivo de refinar a análise qualitativa, a equipe também recorreu à observação, e para isso foi elaborado um diário de campo para registrar fatos e acontecimentos que mais chamavam à atenção e que estavam relacionados a alguma dimensão da pesquisa.

As informações quantitativas foram obtidas por meio de questionários. Foram aplicados 149 questionários a estudantes do último ano de Ensino Médio em duas escolas públicas em Mariana e duas escolas públicas em Belo Horizonte nos períodos matutino, vespertino e noturno, selecionadas segundo o SIMAVE (Sistema Mineiro de Avaliação da Educação

Pública) de 2007. Foi selecionada apenas uma sala de aula de cada turno da escola (matutino, vespertino e noturno) e todos os alunos dessas salas, estudantes-trabalhadores ou não, responderam aos questionários semi-estruturados aplicados pelos pesquisadores ou bolsistas.

A partir da tabulação por meio do programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) e análise desses resultados, foram escolhidas oito famílias (avô ou avó e pai ou mãe) para serem entrevistadas. Pesquisadores e/ou bolsistas colheram os depoimentos de um dos avós e um dos pais dos jovens selecionados. Os critérios de seleção dos questionários para a entrevista com os familiares foram: maior proximidade entre as três gerações; percepção de maior conflito intergeracional em torno dos estudos; condição de trabalho do estudante e percepção deste e de seus familiares a respeito da escola. Na pesquisa também foram ouvidos professores e diretores, contudo, os resultados aqui apresentados são relativos somente aos estudantes, seus avós e seus pais.

### **Cursar o Ensino Médio: qual o futuro para os jovens?**

A análise da influência dos fatores (família e escola) não pode ser deslocada da crise que acomete o Ensino Médio no Brasil, considerando que a influência exercida pela escola sobre as decisões dos jovens que se utilizam do Ensino Médio público pode estar comprometida em função do lugar (ou não lugar) que esse nível de escolarização representa na formulação de projetos para o futuro.

Segundo Neubauer, Davis, Tartuce e Nunes (2011, p.12), a universalização tardia do Ensino Fundamental no Brasil pode ser considerada uma das principais razões para que o nível médio só apareça na agenda pública no início do século XXI. Para essas autoras, a repercussão que o Ensino Médio ganhou, muito recentemente, está associada também à interrogação da validade do modelo curricular que ainda prevalece nesse nível de ensino e sua correspondência com um novo modelo de globalização e flexibilização na integração do sujeito aos processos de trabalho e que estaria demandando deste jovem determinadas habilidades (cognitivas, comportamentais, etc.) intra e extra-escolares, durante o processo de transição para a vida adulta.

Diante de um mercado de trabalho em constante mutação e do adiamento do ingresso do jovem na esfera produtiva, percebe-se cada vez mais uma tensão acerca do papel do Ensino Médio, no que diz respeito à preparação desse jovem para a vida adulta: como situar-se diante

da oferta de um ensino mais generalista, de cunho propedêutico, e outro mais voltado à profissionalização, nesse segmento?

Embora a Lei nº 9.394/96 tenha tentado minimizar essa polarização, ao considerar o Ensino Médio como uma etapa da consolidação da Educação Básica, etapa esta indispensável para a formação do indivíduo e de preparação para o trabalho e para a cidadania (Neubauer et. alli, 2011, p.13), a expansão do Ensino Médio e sua conseqüente democratização trouxe um desafio diante da nova configuração escolar: como esse segmento percebe a heterogeneidade do corpo discente, a mudança do perfil do alunado, a formação adequada para um professor que teria que lidar com uma geração que estaria representando, pela primeira vez, no interior de sua genealogia familiar, o ingresso nesse nível de ensino?

Pela natureza federativa do sistema educacional brasileiro e a aparente impossibilidade de um currículo nacional que vá além dos seus parâmetros filosóficos, a LDB/1996 estipulava uma flexibilidade na estrutura curricular do Ensino Médio, de modo que 25% dos conteúdos ficariam sob a responsabilidade das unidades escolares, a fim de contemplar as necessidades e os interesses regionais e locais dos alunos:

Ao preservar a autonomia dos sistemas estaduais e propiciar condições legais para que, a médio e longo prazo, as escolas pudessem elaborar suas próprias propostas pedagógicas, de maneira diversificada, a Lei buscava aprofundar o espírito descentralizador da proposta organizacional do Ensino Médio (NEUBAUER et. alli., 2011, p. 13).

Embora o Brasil tenha assistido, no prazo de pouco mais de uma década, a uma expansão de 51,8% nas matrículas no nível médio, as quais saltam de 5.739.077 em 1996, para 8.710.584 em 2002, paradoxalmente o século XXI inicia-se com uma mudança nesse quadro, no que se refere à queda geral das matrículas (Neubauer et al., 2011, p. 14). Onde estariam as promessas de mudança ocorridas em função da expansão e democratização do acesso do jovem ao Ensino Médio? Qual seria a razão da queda? Falta de correspondência entre diploma e emprego? Fragilidade na preparação do jovem, estudante do Ensino Médio público, para uma escolarização prolongada?

O desempenho insatisfatório dos jovens brasileiros nas avaliações externas nacionais e estaduais pode ser um indicador interessante (mas não único) de que o Ensino Médio público enfrenta, no Brasil, uma crise de identidade, bem como uma falta de correspondência evidente entre princípios e objetivos alcançados.

Nesta pesquisa, não se percebeu uma diferença que marcasse significativamente os jovens das escolas públicas de melhor e pior desempenho em relação aos seus projetos futuros.

Embora o objetivo principal da investigação não fosse compreender o efeito vizinhança, foi possível observar que os resultados alcançados corroboram o argumento de estudos que apontam que a efetividade da escola depende em grande parte do contexto onde elas se situam (FERRÃO e FERNANDES, 2003; BROOKE e SOARES, 2008). A escola pública de melhor desempenho na capital situa-se na região centro-sul da cidade, considerada região nobre. Já a escola de menor desempenho localiza-se no centro da cidade, situada em uma região muito próxima à rodoviária, cujas famílias conseguem burlar o cadastro escolar, através, por exemplo, de uma conta de luz obtida no local de trabalho, talvez para fugir de zonas de alta vulnerabilidade social onde residem.

No caso das escolas de Mariana, a de melhor desempenho encontra-se na região central e oferece vagas apenas para o Ensino Médio, tanto no período matutino quanto noturno. Sua localização é favorecida, não tanto por estar situada em região nobre, como é o caso da escola de melhor desempenho em Belo Horizonte, mas por oferecer fácil acesso ao comércio e ao transporte coletivo. A escola de pior desempenho oferece vagas para o Ensino Fundamental, Médio e de Educação de Jovens e Adultos. Está um pouco mais afastada da região central, aproximando-se de alguns bairros populares da cidade, porém, sua localização não pode ser classificada como região de vulnerabilidade.

Quanto à organização da escola, foram observados indícios de eficácia entre as escolas situadas nos bairros mais abastados. Esse dado chamou a atenção da equipe por indicar a variável “vizinhança” como um preditor importante. Por exemplo, na escola situada na zona centro-sul da capital, não há a oferta do curso noturno, ao passo que na escola localizada no centro da cidade, só há a oferta de curso vespertino e noturno.

Em relação às práticas pedagógicas, observadas através de registros em diário de campo, percebemos um grau maior de comprometimento com a aprendizagem dos alunos nas escolas de melhor desempenho, sendo a questão da aprendizagem o foco central dessas escolas. Nelas, o corpo docente parece ser mais estável e menos vulnerável às necessidades vivenciadas mais rotineiramente nas escolas públicas de menor desempenho, como o fato de ter que recorrer aos professores eventuais para suprir o absentismo dos professores efetivos.

Nas escolas com melhor desempenho, observou-se que os diretores mostraram-se mais receptivos às demandas dos pesquisadores, uma vez que fizeram questão de mostrar a escola, apresentar a equipe pedagógica, etc. Também foi possível perceber, no caso de Mariana, uma

organização maior por parte da secretaria, responsável pelo registro e atualização dos dados pessoais dos alunos.

Embora a abordagem qualitativa não nos permita generalizar os dados, a equipe de pesquisa percebeu indícios nas falas dos informantes de que as expectativas sobre o desempenho dos alunos também são mais elevadas nas escolas melhor avaliadas. Percebe-se com menor intensidade o uso de explicações sobre o fracasso escolar associado à origem ou à condição socioeconômica dos alunos. Por outro lado, há uma dimensão comum presente no discurso dos alunos e familiares entrevistados de todas as escolas investigadas, independente do desempenho, qual seja, a de que o mérito e o esforço pessoal definem a escolha dos jovens. A análise dos depoimentos coletados parece ratificar a força do arbitrário cultural dominante, uma vez que os alunos das classes populares têm, em geral, dificuldade de atribuir o fracasso às condições externas ou mesmo reconhecer a violência simbólica presente na cultura escolar, introjetando, na maioria das vezes, a responsabilidade pelo fracasso escolar, alimentando expectativas limitadas em relação ao seu próprio futuro profissional.

### **O peso das decisões e transmissões familiares nos projetos de futuro para os jovens**

Pois, se trata de um tempo de socializações múltiplas e frequentemente complexas, nas quais se observa a influência conjunta, e em certas ocasiões contraditória, da família – no caso dos pais, dos irmãos e inclusive dos membros da família extensa –, do grupo de pares – associado às indústrias culturais e aos meios audiovisuais especificamente orientados para a juventude –, e da instituição escolar (LAHIRE, 2007).

A indagação sobre o sentido do Ensino Médio na escolha e elaboração de projetos na vida dos jovens está associada ao modo como as transmissões geracionais criam igualmente disposições e mobilidade para a ação entre esses jovens. As pesquisas sobre as relações intergeracionais compõem um cenário bastante promissor e ainda pouco trabalhado nas Ciências Humanas. Sabe-se que as famílias estão se tornando instituições flexíveis e, nas últimas décadas, novas configurações familiares surgiram. No contexto contemporâneo, pode-se observar a convivência entre mais de duas gerações no domicílio, e essa situação exige novas formas de negociação do espaço e do poder. Mesmo residindo em espaços distintos, as diversas gerações familiares mantêm laços de cooperação entremeados de momentos de conflito, mas nem sempre de ruptura.

A pesquisa desenvolvida em Belo Horizonte e Mariana não pode se furtar a esse debate. Ao tratar das escolhas dos jovens, discute o universo que os cerca e o papel que as diferentes

gerações que compõem a família desempenham nesse universo juvenil. Assim, para iniciar a discussão sobre as relações intergeracionais e a influência familiar nas escolhas dos jovens, é necessário fazer uma breve problematização do conceito de geração.

Segundo Motta e Weller (2010), foi na virada do século XX que o referido conceito foi retomado pelas Ciências Sociais como algo que extrapola as discussões sobre ações coletivas. A partir dos estudos de Mannheim (1993), as autoras compreendem que não basta vivenciar o tempo cronológico da juventude e da velhice para se pertencer a uma geração. É fundamental que os indivíduos tenham compartilhado acontecimentos e conteúdos de vida, construindo, em certos momentos, uma memória coletiva.

Justamente por ter o foco de análise centrado no jovem, é fundamental considerar que a interação entre pais, avós e netos ocorre mais pela ótica de categoria relacional e não etária na família, e o processo de ensino-aprendizagem é interpretado como prática tecida no cotidiano. Não há, portanto, uma educação unidirecional, mas uma co-educação intergeracional.

Ramos (2006), ao tratar do caso de jovens adultos que coabitam a casa dos pais, defende que a família constitui-se em uma rede na qual existem diversas dependências. Aparentemente essas dependências podem significar um empecilho para as relações familiares, contudo é nesse grupo que também é favorecida a construção da autonomia e da identidade.

É nesse contexto de construção de identidades que as gerações se encontram. Embora com conhecimentos e experiências de vida tão distintos, as diferentes gerações buscam espaços de interlocução e crescimento em uma relação permeada por projetos comuns, mas que não exclui a divergência e mesmo os conflitos (COUTRIM, 2010). Uma rede de solidariedade é tecida entre os membros das famílias que enfrentam juntos as dificuldades causadas por problemas familiares característicos da sociedade contemporânea, como a gravidez das jovens solteiras, as separações, o desemprego e outros. Esses problemas se agravam quando há baixos salários e instabilidade financeira que impedem a independência das famílias.<sup>1</sup> Há

---

<sup>1</sup>Já é comprovado que a população mundial está envelhecendo e o Brasil está entre os países com em processo acelerado de envelhecimento populacional. Segundo o IBGE (2011) em 2009 as pessoas com 60 anos ou mais representavam 9,1%, e em 2010 representavam 11,3%. A coabitação também é uma realidade no Brasil. Os dados apresentados pelo IBGE (2009) demonstram que 5,1% das famílias vivem em sistema de coabitação, porém, dependendo da região, a chance de se encontrar mais de uma família residindo no mesmo domicílio aumenta. Na região Nordeste, por exemplo, a chance de se encontrar a coabitação de famílias é 60% maior do que na região Sudeste. Tal fenômeno decorre, principalmente, da situação de pobreza da população que lança mão de estratégias de sobrevivência. Das famílias coabitantes, cerca de 97,6% dos moradores são parentes, sendo 71,5% filhos.

nessa relação uma troca de apoios mútuos e o convívio mais ou menos harmônico entre as gerações, que oferecem, umas às outras, segurança e amparo em momentos de crise (incluindo-se aí a segurança econômica oferecida pela aposentadoria e pensão e o apoio durante a debilidade causada pelo envelhecimento do corpo), mesmo não propiciando diretamente às gerações mais jovens chances concretas de ascensão social (ABOIM e VASCONCELOS, 2009).

Diante de tal realidade, é importante refletir e estudar sobre o que se espera da escola hoje e como a mesma está se estruturando para atender às demandas provenientes das “novas” famílias. Se as escolas passam pelo processo de descentralização e de busca de alternativas para melhorar a qualidade do ensino, as famílias, por sua vez, atravessam um período assinalado pela crescente individualização e modificação das relações de poder, conforme mencionado anteriormente. Segundo Singly, na sociedade moderna “(...) tudo remete a uma demanda, explícita ou não, de autonomia pessoal e a desvalorização dos elos de dependência em relação às instituições e às pessoas” (2007, p. 128). Tal “desvalorização dos elos de dependência” revela o processo de individualização pelo qual todas as gerações vêm passando. Mais uma vez, é o privilégio do eu, em detrimento do nós (ELIAS, 1987; SINGLY, op.cit.).

Entende-se que, ao se levantar a questão sobre esse processo de individualização pelo qual passa a sociedade, é de fundamental importância pensar o lugar da criança e do jovem. Para isso, é necessário que se deixe de pensar na infância e na adolescência como se fossem grupos isolados e com uma cultura única e particular para buscar a compreensão das disposições às quais estão submetidos, conforme a colocação de Lahire:

(...) pensar sociologicamente a los niños y los adolescentes implica comprender su lugar en el seno de las diferentes configuraciones de relaciones de interdependência entre los actores que componen el universo familiar, el grupo de pares y la institución escolar, en vez de intentar definirles exclusivamente a partir de las prácticas mediante las que procuran distinguirse de los adultos –padres y profesores especialmente (2007, p.23).

O relacionamento intergeracional possibilita a criação e o fortalecimento das citadas redes relacionais, baseadas na confiança e no apoio mútuo. Além disso, os mais velhos transmitem aos mais novos valores considerados importantes para a vida adulta, como a



honradez, a honestidade, o trabalho, a religiosidade, entre outros.<sup>1</sup> É nesse sentido que Domingues (2002), também partindo de Mannheim, aponta para a presença de uma “subjetividade coletiva” presente nas gerações, que são interpretadas não como grupos homogêneos, mas sim como grupos que têm experiências de vida comuns em um universo simbólico marcado pela interação intra e intergeracional. Assim, o conceito de múltiplas socializações apontado por Lahire (op.cit.) pode ser aplicado também no processo de relação intergeracional, no qual todos ensinam e aprendem.<sup>2</sup>

Nessa direção, Tomizaki aponta que o aprendizado está sempre presente na relação intergeracional.

Poderíamos dizer que processos socializadores incidem sobre um espaço fundamental de intersecção entre as gerações: a *transmissão*. Transmitir e herdar são duas facetas de um mesmo movimento que coloca as gerações diante do desafio de definir como devem se conduzir em relação à sua *herança*, que pode ir dos bens estritamente materiais aos totalmente simbólicos, bem como pode ser pensada tanto no plano das microrrelações sociais (como as familiares), quanto em uma dimensão macrossocial (como os sistemas previdenciários, regulados pelo Estado) (2010, p.239).

Assim, a transmissão geracional traz referências às *heranças* familiares que são passadas ao longo dos anos por várias gerações, traduzindo-se nas referências identitárias e, conseqüentemente, na estabilidade (ou não) do grupo. Não se pode negligenciar essas relações quando se trata de disposições familiares, pois conforme defende Gonçalves:

A convivência com o outro, na *interconectividade* das histórias vividas, mostra que uns têm acesso amplo ao conjunto de benfeitorias sociais, outros renunciam a elas e alguns se apropriam daquelas que lhes parecem indispensáveis. Assim, o jovem é chamado a construir ativamente as redes de significado, sob pena de sucumbir aos apelos do estranho e aos perigos da cidade. Nessa posição, que é necessariamente ativa, há de haver um nucleamento de sentidos passível de identificação (2005, p.210).

A partir dos anos 2000 amplia-se o número de pesquisas que abordam as relações entre duas ou três gerações e demonstram o papel dos avós enquanto agregadores de valor econômico e emocional às famílias, porém, também proliferam-se os estudos que demonstram que, em meio às situações de carências (afetivas e materiais), o apoio intergeracional não implica, necessariamente, sucesso profissional e mobilidade social dos netos no futuro, pois o contexto

---

<sup>1</sup> Existe uma importante discussão a respeito dos valores passados pelos mais velhos que contribuem para a construção de uma ética do trabalhador entre as famílias das camadas populares. Para conhecer melhor esses estudos consultar: Zaluar (1994), Sarti (1996) e Guedes (1997).

<sup>2</sup> Para além da aprendizagem, a convivência familiar atravessa gerações. Situações desestabilizadoras na família podem fazer com que os netos se mudem para casa dos avós, temporariamente ou permanentemente, conforme aponta a literatura nacional e estrangeira, como Barros (1987; 2003), Lopes; Neri; Park (2005), Fuller-Thompson, Minker, Driver; (1997); Ochiltree, (2006); Dutra, (2009).

em que a família, as relações sociais, a escola, etc. estão inseridas é predominante. Falta a essas crianças e às suas famílias capital econômico, capital cultural, capital simbólico e capital social (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2004).<sup>1</sup> Assim, as redes de socialização nas quais os jovens se inserem atuam como importante meio de aquisição de conhecimento e informação. Se isso ocorre, a rede de amigos, virtuais ou não, pode influenciar também a escolha profissional.

Nossa pesquisa, ao investigar a natureza e o peso dos processos de socialização escolar e familiar sobre os projetos de futuro de jovens concluintes do Ensino Médio, mostra como a experiência do processo geracional repercute de maneira decisiva na vida dos jovens, para a construção de um patrimônio de disposições incorporadas. A opção por escolas de melhor e menor resultado na avaliação do SIMAVE, no interior e na capital do estado, refletiu a preocupação de captar as diferentes experiências de vida marcadas por estruturas escolares e configurações de mercado de trabalho consoantes ao modo de vida do interior e da cidade grande. Além disso, as diferentes gerações também sofreram e ainda sofrem a influência direta dos valores e da configuração familiar marcados pelas especificidades do contexto em que vivem.

Conforme mencionado anteriormente, algumas pistas sobre a relação entre o espaço geográfico e a rede de socialização também foram encontradas nesta pesquisa realizada com jovens do Ensino Médio nas cidades de Belo Horizonte e Mariana; porém, tal tema aparece apenas tangencialmente em nossa investigação, como uma variável importante do efeito-escola, bem como da família, na escolha profissional dos jovens. Em contrapartida, a investigação demonstra que amigos(as), virtuais ou não, colegas de sala, namorados(as), professores e vizinhos são personagens importantes na vida desses jovens, ou seja, processos de socialização que apontam para uma ligeira diminuição das agências clássicas e ou tradicionais de socialização, como a família, por exemplo.

---

<sup>1</sup> Segundo Bourdieu, o capital econômico diz respeito às condições econômicas que possibilitem o consumo de bens que identifiquem o sujeito com o grupo de maior projeção social. O capital cultural se refere aos padrões culturais que são considerados superiores como a língua culta, conhecimento científico etc., ou são considerados inferiores, como a linguagem popular e o conhecimento popular. O capital simbólico diz respeito ao status e aos bens que os indivíduos são capazes de reconhecer, valorizar e consumir que os identifique com uma posição social superior, e o capital social se estabelece nas relações sociais e se refere à rede de amizades, casamentos e trabalho criada com pessoas nas mais altas posições sociais (e, conseqüentemente, com maior capital econômico, cultural e simbólico) (NOGUEIRA e NOGUEIRA, op.cit.).

## **O que nos trazem os resultados até o momento**

Os alunos entrevistados são jovens. A maioria deles (82,5%) possui até 20 anos e o número de rapazes é ligeiramente maior que o de moças (53% e 46,6%, respectivamente). 51,7% deles frequenta o curso noturno e um pouco mais da metade (57,7%) dos estudantes da pesquisa estuda na capital.

Como era esperado, a maioria dos jovens que trabalha frequenta o curso noturno. 70,8% dos frequentadores dos cursos diurnos não trabalham e, entre os que o fazem, 13,9% cumprem a jornada semanal de até 20 horas. Entre os alunos do período noturno, chamou a atenção da equipe o fato de 44,2% deles alegarem trabalhar mais de 40 horas por semana. Somente 19,5% dos alunos deste período não trabalham. Este fato corrobora o perfil do “estudante-trabalhador”, alunos do Ensino Médio noturno que cumprem uma extensa jornada de trabalho.

O perfil de escolarização dos pais nas duas cidades também é próximo. Quando se trata do grupo com até nove anos de estudos, percebe-se que a escolaridade do pai e da mãe apresenta percentuais próximos, com maior representação dos homens. Quase a metade dos pais (49,0%) e das mães (43,0%) têm até o Ensino Fundamental completo. Essa relação entre os sexos se inverte quando é analisado o grupo com onze anos de escolaridade: 21,5% dos pais e 27,5% das mães possuem Ensino Médio completo. Essa relação se mantém quando se observa o grupo com curso universitário completo ou mais: 8,8% dos pais alcançaram esse nível de escolaridade contra 12,1% das mães. Embora esse dado seja significativo, pois mostra que a mulher tem investido nos estudos, ressalta-se que o percentual dos pais universitários é bem menor dos que o daqueles que possuem até o Ensino Fundamental.

A partir desse breve retrato sobre o perfil do jovem pesquisado, pode-se dizer que os resultados derivados da investigação apontam para uma significativa influência da família e dos amigos na vida dos jovens. Embora apresentem baixa escolaridade, a maioria dos pais (68,5%) afirma participar da vida dos estudantes. Os avós também participam da vida dos netos, porém, com uma representação bem mais discreta que os pais (20,8%).

Os dados também revelaram que a maioria dos alunos (68,5%) conversa com seus pais sobre a escola, suas dificuldades e experiências. Esse percentual aumenta quando se trata de expectativas para o mercado de trabalho. A pesquisa revelou que a grande maioria dos alunos (81,2%) dialoga com seus pais sobre o futuro profissional.

Esse percentual se modifica de escola para escola. Entre as duas que tiveram as notas mais baixas na avaliação do SIMAVE em Mariana e Belo Horizonte, o resultado foi de 11,4% e 17,4% respectivamente; já nas escolas que obtiveram melhor avaliação, o percentual foi de 30,2% para a escola de Belo Horizonte e 22,1% para a escola de Mariana. Esses dados podem sugerir que pais mais mobilizados na escolarização dos filhos são aqueles que mais possuem o chamado “capital informacional”, isto é, são aqueles que conhecem com mais propriedade o funcionamento do sistema escolar. Por outro lado, pode-se inferir que as escolas que se concentram mais sobre a aprendizagem dos alunos conseguem alimentar maiores expectativas em relação ao futuro profissional desses jovens, além de contarem com pais supostamente mais investidos escolarmente, abertos ao diálogo sobre o futuro profissional dos filhos. Certamente esses dados são relevantes e devem ser melhor explorados em um segundo momento.

Nota-se pelo questionário aplicado aos alunos que a entrada no mercado de trabalho logo após a conclusão do Ensino Médio é um desejo da maioria, mas os jovens também estão interessados na continuidade dos estudos.

Para assegurar que os informantes não sejam identificados adotamos a seguinte nomenclatura:

Escola 1 Belo Horizonte	Melhor desempenho
Escola 2 Belo Horizonte	Pior desempenho
Escola 3 Mariana	Melhor desempenho
Escola 4 Mariana	Pior desempenho

Figura 1

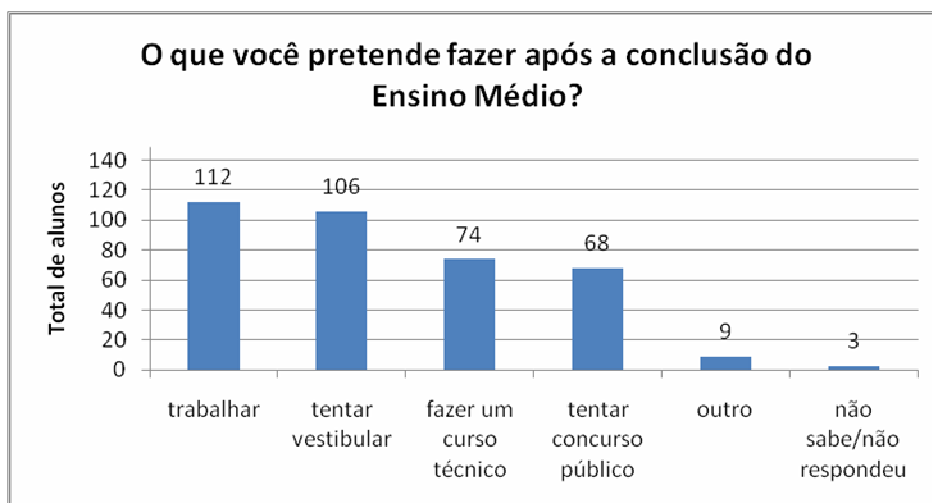


Gráfico 1: O que pretende fazer após o Ensino Médio.

Fonte: COUTRIM, RME; CUNHA, MAA; ASSIS, CF; PAULA, BLS. O Papel da Família e da Escola na Transmissão de Disposições entre as Gerações: Expectativas de Futuro para Jovens Egressos do Ensino Médio. Universidade Federal de Ouro Preto/Universidade Federal de Minas Gerais, 2009/2011.

Nota-se na Figura 1 que, para a maioria dos jovens, o trabalho e a continuidade do estudo não são excludentes, e o curso técnico não está entre as maiores aspirações. Tal resultado é interessante e indica a necessidade do aprofundamento desse dado em um segundo momento. Ao somarem-se as respostas “trabalhar” com “fazer um curso técnico” obtém-se um resultado relevante, que aponta para a urgência da vida cotidiana desses jovens, o que lhes dá uma disposição pragmática em relação ao futuro profissional. Percebe-se que há a preocupação com a inserção no mercado de trabalho, embora isso não signifique que a profissão iniciada ou continuada com o fim do Ensino Médio seja a aspiração para suas carreiras. Para os jovens entrevistados, a universidade, seja pública ou privada, está em um futuro possível, assim como para seus pais, conforme apontado nas entrevistas.

A aspiração de fazer o curso superior distancia esses jovens do universo profissional dos pais. Isso fica claro quando é perguntado se eles queriam seguir a profissão do pai ou da mãe.

Figura 2

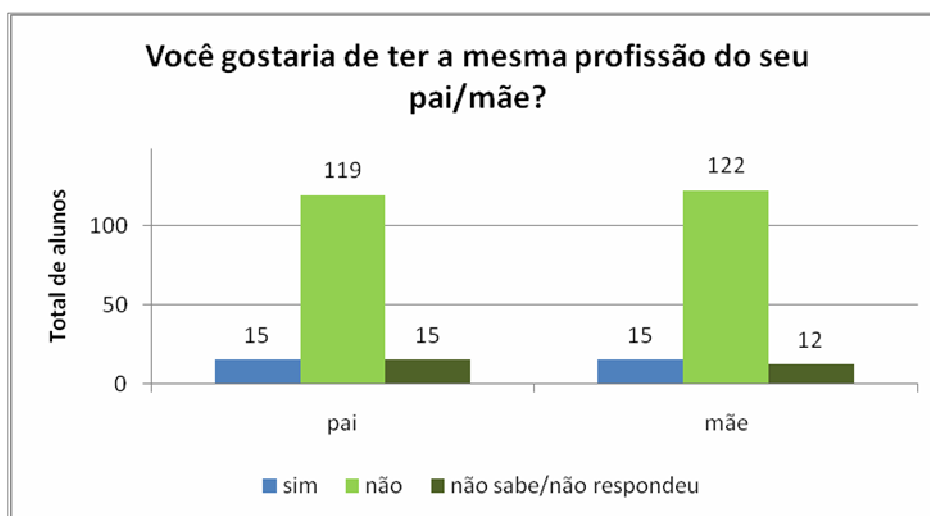


Gráfico 2: Interesse em seguir a mesma profissão dos pais.

Fonte: COUTRIM, RME; CUNHA, MAA; ASSIS, CF; PAULA, BLS. O Papel da Família e da Escola na Transmissão de Disposições entre as Gerações: Expectativas de Futuro para Jovens Egressos do Ensino Médio. Universidade Federal de Ouro Preto/Universidade Federal de Minas Gerais, 2009/2011.

Pais e avós acreditam na escola enquanto formadora do sujeito, mas, nos depoimentos coletados até o momento, foram recorrentes as falas de que ela sozinha não consegue formar o bom profissional, conforme nos relata a mãe de uma aluna, quando a entrevistadora pergunta se a escola a preparou para a vida profissional:

Não. Não mesmo. A minha realidade profissional é um pouco diferente porque eu escolhi pelo ensino especial, eu sou professora do ensino especial. Mas é uma categoria que existe e na época... Continua hoje, é abordado o ensino especial muito pouco. Você não vê nada com relação ao ensino especial. É meio que deixado de lado, fica bem a mercê mesmo do ensino especial. E mesmo para o ensino regular, eu acho que você tem que estar se preparando o tempo todo, você tem que se qualificar o tempo todo, correndo atrás de curso de reciclagem, por que o curso em si só não dá base não (Mãe de C., Escola 3).

Paradoxalmente, mesmo tratando-se da escola pública com pior desempenho no SIMAVE, tanto a primeira quanto a segunda geração dos jovens parecem compartilhar da ideia de que a escola é ótima, por isso mesmo muito diferente do tempo em que eles estudaram. O critério de

qualidade, neste caso, diz respeito mais à estrutura física e de apoio didático, além da oferta da merenda da escola:

[sobre a pergunta da escola de hoje ser diferente do tempo dela]: Nossa, mudou demais, a escola de antigamente não tinha nada, não é igual agora, evoluiu muito a escola! Na minha época, na escola só tinha um livro, você tinha que ler aquela cartilha, aquela cartilha de matemática, sabe? Igual hoje não é! Antigamente era péssimo, o tanto que a gente não aprendia, não conseguia, não tinha um “para casa”, não tinha isso não. O que você estudava era lá, a única coisa que você estudava que tinha hoje é a tal de ginástica. Isso aí tinha, matava a gente, tinha que abrir perna, levantar perna, levantar braço – isso tinha. O resto não tinha mais nada. Não tinha uma merenda, ou levava ou não merendava (Entrevista com Dona H., avó de L.; Escola 2).

Já no que se refere à capacidade da manutenção de valores importantes para as classes populares, como o respeito à autoridade, o controle e a vigilância, a opinião é a de que a escola piorou muito:

Hoje, é pior que antigamente. Antigamente a educação, quando sua mãe, seu pai falavam, você tremia de medo, você não fazia mais. Bom, esse problema eu não tenho com ela. Mas eu acho que a educação, hoje, os pais falam, os filhos não obedecem. Não pode ser mais severo com os filhos, porque o Conselho Tutelar já entre no meio. Agora, eu não tenho esse problema com a L. Mas eu vejo muito, igual o meu outro neto, ele fica dentro de casa comigo, ele tem sete anos, quem toma conta dele sou eu. Estou levando ele no ritmo que eu levei ela, “não pode, não vai em rua, não vai” (Dona H., avó de L., Escola 2).

Não é que a escola piorou, na verdade, hoje em dia, você tem que saber o que fala com um aluno, tudo mudou, é um contexto. A educação dos pais com os filhos mudou muito também, porque antigamente, quando eu era criança, eu ganhei umas palmadas, minha mãe me colocou de castigo, tudo isso acontecia. Hoje em dia, você não pode fazer nada, eu estava vendo uma reportagem há um tempo atrás que tinha umas crianças lavando uns pratos, “mas criança não pode ser submetida a trabalho doméstico”. Aí é a questão das leis, eu acho que muitas leis chegaram para atrapalhar, não para ajudar, está ajudando quem? Se os pais não podem corrigir, não podem pedir ajuda dos filhos dentro de casa, então, vão deixar eles ociosos, e cabeça vazia é moradia de quê? De coisa errada. Então assim, lá em casa eu criei meus filhos igual a minha mãe criou. Então, se eles não querem estudar, vão ficar dentro de casa (Mãe de L.; Escola 2).

Também é muito recorrente nas entrevistas a opinião de que a vigilância e o controle parental ajudavam a reforçar o papel da escola. A ideia hoje presente no senso comum de que a qualidade das escolas públicas piorou na medida em que as famílias tornaram-se demissionárias da relação família-escola parece fazer eco, sobretudo entre as classes populares:

Eu acho que sim, mas tem a ver com a família, eu acho, não é só com a escola. Minha mãe, por exemplo, ela tinha pouco tempo, mas ela não perdia uma entrega de boletim, ela não perdia uma reunião, ela foi muito presente. Então, ela sempre estava lá, na primeira folga, às vezes não era nem o

horário da minha aula, ela estava lá, ela queria saber. Então, ela cobrava mais da gente e da escola também (Mãe de L.; Escola 2).

A mãe de C. é o único caso de mãe com nível superior, mas mesmo entre aqueles que têm pouca escolaridade (a maioria, como demonstrado anteriormente), a escola é compreendida como base para a vida em sociedade, mas não para a vida profissional, muito mais ligada à prática e ao esforço próprio.

Parece que quando o aluno é bom até as professoras têm mais boa vontade com ele, não tem?! Quando ele é mais travesso, costuma até deixar pra lá. Tem aluno que o professor nem aguenta. Eu acho que o bom aluno tem uma vida de mais oportunidade... Tem maior oportunidade de professor atender ele melhor, pra ele aprender melhor (Avó de E., Escola 3).

Tem. Por que aí ele está com mais interesse, mais intenção na escola, e a professora vê que ele está com boa vontade e vai ter mais interesse pra ajudar ele, pra ensinar ele aprender, e aí é bom por que ele vai ter um emprego melhor, um ordenado bom mais pra frente e isso ajuda muito (Pai de E., Escola 3).

Assim como os filhos não querem seguir a mesma profissão dos pais, os pais também não desejam que os mesmos sigam seus passos na profissão, e muito menos os avós, na maioria semianalfabetos e ex-trabalhadores rurais ou urbanos sem qualificação.

Uma profissão melhor, não é?! Porque profissão de roça não é boa não. Eles têm que procurar um jeito, não é?! Seja um motorista... Porque a gente interessa mais que eles tenham uma profissão melhor do que a que nos tivemos. Porque agora está tendo muita qualidade de estudar, basta a boa vontade dos netos (Avó de E., Escola 3).

Nota-se pela fala da avó de E. que o desejo de uma profissão melhor para ela não significa um curso técnico ou universitário. O emprego de motorista já é muito melhor do que lhe foi possível no passado.

Nenhum dos entrevistados, até o momento, relatou o interesse em ensinar aos filhos o próprio ofício e, mesmo os pais que trabalham como autônomos desejam que os mais jovens tenham uma profissão com melhor salário. Interessante notar que entre os depoentes não há menção de preocupação com a satisfação pessoal dos filhos no futuro emprego, mas todos reconhecem a autonomia dos mesmos para fazer suas escolhas e a necessidade do diálogo com a família nesse momento.

Às vezes, o financeiro não é tudo, né? Porque eu conheço pessoas bem pobres que tiveram sucesso muito grande, então, financeiro não é tudo. Eu



acho que é preciso conversar muito, chegar, apoiar, mostrar, ouvir também, a gente tem que ouvir também, porque às vezes a gente quer aquilo, mas a gente não escuta o que eles têm pra falar, as opiniões deles são diferentes das nossas, a gente tem que saber ouvir, principalmente, ouvir. Porque não adianta chegar, eu vou pagar isso e isso, ele não está interessado no seu dinheiro, às vezes, ele está interessado em trabalhar e pagar a partir daquilo, mas ela está interessada simplesmente na sua atenção. Às vezes, você para dez minutinhos e é muito mais importante que abrir a carteira e..., não, não é assim, eu escuto muito (Mãe de Lo., Escola 2).

A fala da mãe de Lo. representa a direção apontada em todos os depoimentos coletados. Os pais e os avós estão mais preocupados com aquilo que os jovens não devem fazer do que com a carreira que devem seguir. O enfoque maior é evitar o contato com as drogas e a ociosidade, que provocam comportamentos socialmente inadequados para as famílias trabalhadoras, como apontado em ZALUAR (1994). Desde que tenham trabalho e/ou estudos, terão apoio familiar.

A L. está com 16 anos agora e está fazendo aquele Jovem Aprendiz do SENAC. Na empresa, ela desce seis lances de elevador e depois três de escada, mas, assim, ela acaba de chegar lá em cima, tem mais uma pilha de papel para ela ir à copiadora, e ela tem que fazer o mesmo percurso toda hora. Ela trabalha de oito ao meio-dia e ela vai umas oito vezes nessa copiadora, e depois ela tem aula à tarde. Então, se tem aula à tarde e por algum motivo ela trabalha de manhã, ela chega em casa e ela não quer nem almoçar, ela quer deitar porque ela está com dor nas pernas, ela está cansando muito (Mãe de L.; Escola 2).

A L. falou que não quer fazer particular não. Por isso que até estranhei agora essa queda na escola. Ela falou que pra ela serve só se for federal. Então, ela falou que quer fazer, e se ela põe na cabeça que ela quer, é porque ela quer, é igual ela falou, se ela não conseguir da primeira, ela vai da segunda, ela vai fazer sim federal, ou, se não, engenharia do Exército, que também é um curso federal, não deixa de ser. A engenharia do Exército é mais uma disciplina que na verdade eles não querem (Mãe de L.; Escola 2).

Mesmo evitando o direcionamento na carreira dos jovens, percebe-se que a família interfere nas escolhas. Entre os estudantes, a família extensiva aparece como a principal influência na decisão profissional, mesmo estando inseridos em uma ampla rede de relacionamentos, virtuais ou não. A rede de socialização desses jovens é bastante diversificada e, independentemente da cidade em que moram, fora da escola passam a maior parte do tempo com os amigos (60,4%) ou acessando a internet (63,1%).

Figura 3



Gráfico 3: Principais influências na escolha profissional.

Fonte: COUTRIM, RME; CUNHA, MAA; ASSIS, CF; PAULA, BLS. O Papel da Família e da Escola na Transmissão de Disposições entre as Gerações: Expectativas de Futuro para Jovens Egressos do Ensino Médio. Universidade Federal de Ouro Preto/Universidade Federal de Minas Gerais, 2009/2011.

A pesquisa tem revelado que, embora tenham construído uma grande rede de socialização, da qual fazem parte amigos virtuais ou não, namorados(as), professores, parentes etc., a família ainda é uma fonte importante de referência quando se trata de assunto ligado à escola e ao futuro profissional. As escolas, agências importantes de socialização, são percebidas mais como espaços de sociabilidade do que espaços de aprendizagem, mesmo entre aquelas com melhor desempenho nas avaliações estaduais. Somente uma jovem manifestou o desejo de cursar uma universidade pública, mas suas referências denotavam o desconhecimento de um capital informacional mais objetivo e rentável, do ponto de vista da cultura dominante.

Assim, é possível inferir, pelos dados coletados até o momento, que mais do que a cidade, o ambiente escolar e extra-escolar influenciam nas relações familiares e na socialização. Mesmo ponderando o “efeito vizinhança” das escolas e o que isso representa em termos de expectativas para os jovens investigados, notou-se que as escolas com melhor desempenho e, portanto, mais comprometidas com a aprendizagem dos seus alunos não conseguem atrair os jovens para uma planificação de futuro que inclua o prolongamento dos estudos. A ênfase no

mérito e no esforço foi recorrente nos quatro extratos de nossa amostra, tornando-se o denominador comum para a construção de expectativas para o futuro.

A despeito do reconhecimento dos múltiplos espaços e tempos de socialização, a família ainda ocupa um lugar central na transmissão de expectativas, projetos e disposições para os jovens.

## **Conclusão**

A partir da pesquisa bibliográfica e de campo é possível compreender que as gerações não se constituem em grupos isolados e estanques. Há uma interlocução constante entre pais, avós e netos pela qual os mais velhos buscam transmitir aos mais jovens valores como honestidade, retidão de caráter e a importância dos estudos para a vida profissional. A convivência intergeracional é permeada de conflitos e diálogos, a partir dos quais os mais velhos e os mais jovens ensinam e aprendem.

As análises dos dados realizadas até o momento permitem afirmar que, independentemente da avaliação feita pelo SIMAVE, há mobilização por parte dos pais e dos avós para que os jovens continuem seus estudos. Nota-se que a escola é uma instituição que permanece ainda muito associada ao futuro, mesmo entre as escolas que refletem um fraco desempenho nas avaliações externas. Nesse aspecto, elas representam um valor bastante associado à entrada e à integração do jovem no mercado de trabalho. Também os momentos vividos na escola representam muitas vezes a oportunidade de conviver com os pares, fazer amigos e assim vivenciar e experimentar novos espaços de sociabilidade.

Com baixo índice de escolaridade, pais e avós nem sempre conseguem acompanhar as mudanças e oportunidades que surgem no mercado de trabalho, e é na ampliação dessas redes de socialização que o jovem encontra subsídios para suas escolhas. A escolarização é vista pelas famílias entrevistadas como principal referência para uma via de mobilidade social ascendente. Pais e avós procuram estimular o jovem a partir do diálogo, e, mesmo com poucos recursos e frágeis estratégias de mobilização a favor da continuidade dos estudos, é esse grupo que permanece como importante apoio e fonte para a busca de futuro profissional mais rentável para o jovem.

Agradecimento: FAPEMIG.

## Referências bibliográficas

ABOIM, Sofia; VASCONCELOS, Pedro. Differential and Cumulative Effects of Life Course Events in an Intergerational Perspective: Social Trajectories of Three Generations Family Lineages. *Swiss Journal of Sociology*, 35(2), p. 297-319, 2009. Disponível em: <[http://www.ics.ul.pt/rdonweb-docs/SofiaAboim\\_2009\\_n1.pdf](http://www.ics.ul.pt/rdonweb-docs/SofiaAboim_2009_n1.pdf)> Acesso em 22 de jun.2011.

BARROS, Myriam L. Reciprocidade e fluxos culturais entre gerações. *I Congresso Internacional de co-educação de gerações*. SESC, São Paulo, outubro de 2003.

\_\_\_\_\_. *Autoridade e afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

BROOKE, Nigel; SOARES, José F. (Orgs.). *Pesquisa em eficácia escolar: origens e trajetórias*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

COUTRIM, Rosa M. E. Entre Gênero e Gerações: a fala de crianças educadas por avós e avôs. In: SOUZA, Marcio Ferreira de (Org.). *Desigualdade de gêneros no Brasil: novas ideias e práticas antigas*. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora Argumentvm, 2010, pp. 287-299.

DOMINGUES, José M. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. *Revista Tempo Social*. São Paulo, 14 (1), pp. 67-89, maio de 2002.

DUTRA, Helena MSMOM. O papel das avós na promoção de estilos de vida saudáveis junto dos netos. *Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa*. Tese de mestrado em Saúde Escolar, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/1028>>. Acesso em: 22 de maio de 2010.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

FERRÃO, Maria E.; FERNANDES, Cristiano. O efeito escola e a mudança – dá pra mudar? Evidencias da investigação brasileira. In: *REICE Revista Eletrônica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación*, 2003, 1(10), pp. 1-13.

FULLER-THOMPSON Esme; MINKLER, Meredith; DRIVER, Diane. A Profile Of Grandparents Raising Grandchildren In The United States. In: *The Gerontologist*, 37 (3),1997,

p. 406-411. Disponível em <[gerontologist.oxfordjournals.org/.../406.full.pdf](http://gerontologist.oxfordjournals.org/.../406.full.pdf)> Acesso em: 12 jun 2011.

GONÇALVES, Hebe S. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. In: *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, 17 ( 2), Nov.2005, pp. 207-219.

GUEDES, Simoni L. *Jogo de Corpo: um estudo de construção social de trabalhadores*. Niterói: EDUFF, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira - 2009*. Rio de Janeiro: 2009. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicais2009/SIS\\_2009.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicais2009/SIS_2009.pdf)> . Acesso em 22 de outubro de 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira - 2010*. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicais2010/SIS\\_2010.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicais2010/SIS_2010.pdf)> Acesso em 22 de outubro de 2011.

LAHIRE, Bernard. Infancia y Adolescencia: de los tiempos de socialización sometidos a constricciones multiples. In: *Revista de Antropología Social*, 16, pp. 21-38, 2007. Disponível em <<http://www.ucm.es/BUCM/revistas/cps/1131558x/articulos/RASO0707110021A.PDF>> Acesso em 21 de jun 2011.

LOPES, Ewellyne S.L.; NERI, Anita L.; PARK, Margareth B. Ser avós ou ser pais: Os papéis dos avós na sociedade contemporânea. In: *Textos sobre Envelhecimento*. Rio de Janeiro 8 (2), p.239-253, Jan. 2005. Disponível em: <[http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-59282005000200006&lng=pt&nrm=iso](http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282005000200006&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 10 de junho de 2011.

MANNHEIM, Karl. El Problema de Las Generaciones (tradução Ignácio Sánches de La Yncera). *REIS, Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 62, pp. 193-242, abr-jun. 1993.

MOTTA, Alda B.; WELLER, Wiwian. Apresentação: A atualidade no conceito de gerações na pesquisa sociológica. *Revista Sociedade e Estado*, 25(2), pp. 175-184 ago., 2010.

NEUBAUER, Rose (Coord.); DAVIS, Claudia, TARTUCE, Gisela L.B.P.; NUNES, Marina M.R. Ensino Médio no Brasil: uma análise de melhores práticas e de políticas públicas. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, 92(230), pp. 11-33, jan./abr. 2011.

NOGUEIRA, Maria A.; NOGUEIRA, Cláudio M.M. *Bourdieu e a educação*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

OCHILTREE, Gay. The Changing Role of Grandparents. *AFRE Briefing: Australian Family Relationships Clearinghouse*, 2, p.1-9, 2006. Disponível em: <<http://en.scientificcommons.org/51853795>>. Acesso em 20 de maio de 2011.

RAMOS, Elsa. As negociações no espaço doméstico: construir a “boa distância” entre pais e jovens adultos “coabitantes”. In: BARROS, Myrian L. (org.). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SARTI, Cynthia, A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.

SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Tradução Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

TOMIZAKI, Kimi. Transmitir e Herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, 31(11), pp. 327-346, abr.-jun., 2010. Disponível in: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2011.

ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1994.